



FACULDADE 7 DE SETEMBRO – FA7

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**“A VIDA DO ALVINEGRO”: UM CASO DE RÁDIO ESPORTIVO
APAIXONADO**

MÁRIO JORGE TELES DE SOUZA NETO

FORTALEZA - 2008

MÁRIO JORGE TELES DE SOUZA NETO

**“A VIDA DO ALVINEGRO”: UM CASO DE RÁDIO ESPORTIVO
APAIXONADO**

Monografia apresentada à Coordenação
do Curso de Comunicação Social, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social com
Habilitação em Jornalismo

Professor orientador: Prof.º Ismael
Pordeus Bezerra Furtado

FORTALEZA - 2008

“Nós devemos ser a mudança que
queremos ver no mundo”

Gandhi

AGRADECIMENTOS

A DEUS, doador da vida, que me deu força e determinação para alcançar meus objetivos.

A meus pais, pelo grande apoio de toda uma vida. E também o patrocínio que eles me deram.

À Lívia, pelo apoio e por ter sido uma pessoa importante na minha vida.

Ao Professor Ismael, referência no assunto abordado nesta monografia. E também a Professora Kátia.

Aos novos amigos “Almeidinha” e Airton Martins, dois alvinegros que me ajudaram e abriram as portas da Rádio Clube para a análise da monografia.

A todos os meus colegas de faculdade que também me ajudaram a conseguir a minha primeira formação acadêmica.

MÁRIO JORGE TELES DE SOUZA NETO

“A vida do Alvinegro”: Um Caso de Rádio Esportivo Apaixonado

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof.º Ismael Furtado

Data de aprovação: Fortaleza, _____

BANCA EXAMINADORA:

Assinatura: _____

Professor M.S. Ismael Furtado
(Orientador)

Assinatura: _____

Professora M.S. Kátia Patrocínio
(Membro)

Assinatura: _____

Professor M.S. Dílson Alexandre
(Membro)

RESUMO

Esta monografia aborda a questão do Rádio Esportivo, tendo como objeto o Programa “A Vida do Alvinegro”, programa esportivo dedicado aos torcedores do Ceará Sporting Club. Contrapondo ao jornalismo dito imparcial, onde os jornalistas não devem expor seus clubes de coração em nome de uma pretensa objetividade, “A Vida do Alvinegro” pratica um radiojornalismo esportivo caracterizado pela paixão e a subjetividade. Além de descrever sobre o programa, este trabalho volta ao tempo e relata um pouco a história do rádio cearense e do rádio esportivo no Brasil. A história, os personagens e várias informações sobre o rádio e o futebol brasileiro.

Palavras chave: Rádio, Rádio Esportivo, Futebol, imparcialidade e Programa “a vida do alvinegro”.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 UMA “PRÉ-HISTÓRIA” DO RÁDIO NO CEARÁ | 10 |
| 2.1 Pre 9 - Ceará Rádio Clube, A Pioneira..... | 11 |
| 2.2 Rádio Iracema: Um Novo Padrão..... | 15 |
| 2.3 Rádio Uirapuru, A Emissora dos Pássaros..... | 16 |
| 2.4 Rádio Verdes Mares: A 810 Verdinha..... | 17 |
| 2.5 Dragão do Mar, O Jangadeiro Resistente..... | 19 |
| 2.6 Rádio Assunção Cearense: A Voz da Arquidiocese..... | 20 |
| 2.7 Rádio Am do Povo: A Número um em Jornalismo..... | 20 |
| 2.8 Rádio Cidade: A Caçula Entre as Grandes..... | 21 |
| 3 RÁDIO ESPORTIVO E FUTEBOL, A PAIXÃO ESTÁ NO AR | 23 |
| 3.1 O Início do Rádio Esportivo..... | 24 |
| 3.2 As Primeiras Transmissões..... | 27 |
| 3.3 Da Primeira Copa a Derrota em 50..... | 29 |
| 3.4 Rádio Panamericana..... | 30 |
| 3.5 Rádio Esportivo no Ceará..... | 32 |
| 4 JORNALISMO E A NOTÍCIA | 35 |
| 4.1 Em Busca da Objetividade..... | 37 |
| 4.2 O Conceito de Imparcialidade..... | 40 |
| 4.3 A Imparcialidade no Rádio..... | 42 |
| 4.4 Rádio Esportivo Cearense, ou a Parcialidade Explícita..... | 43 |
| 5 A VIDA DO ALVINEGRO, OU O RÁDIO ESPORTIVO APAIXONADO | 45 |
| 5.1 As Origens do Programa..... | 46 |
| 5.2 Torcedor-Radialista..... | 47 |
| 5.3 A Voz das Arquibancadas..... | 48 |
| 5.4 Objetividade e Imparcialidade na “Vida do Alvinegro”..... | 49 |
| 5.5 Ceará Sporting Club..... | 51 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 56 |

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu da intensa relação de seu autor com o tema estudado. Torcedor do Ceará Sporting Club, desde a infância acompanha o seu time de coração na companhia indispensável de locutores, comentaristas e repórteres, através das ondas do rádio e observou que a imparcialidade no Rádio Esportivo está cada vez menor.

O radiojornalismo esportivo foi um dos gêneros radiofônicos mais importantes para a popularização do rádio no Brasil e um dos primeiros a conquistar um público fiel. Mesmo diante da concorrência de outros meios de comunicação mais modernos e interativos, as emissoras continuam conquistando a audiência de milhões de torcedores em todo o Brasil, ajudando e mantendo viva a intensa paixão pelo futebol.

Fenômeno de comunicação de massa, o rádio esportivo sobrevive com muita força e ainda é o meio de comunicação de massa preferido pelos torcedores, e um companheiro indispensável nas arquibancadas dos estádios de todo o país. Sua linguagem diferenciada consegue atrair a atenção de seu público, seja na difusão de notícias, comentários e transmissões esportivas, onde o grito de gol funciona como uma catarse das massas torcedoras.

Com o objetivo de analisar o programa “a vida do alvinegro”, estudamos um pouco da história das principais rádios do Brasil e do Ceará, além de mostrar os principais radialistas que passaram pelos microfones destas emissoras. Este trabalho busca definir as principais características do jornalismo convencional, da polêmica da imparcialidade que ronda as rádios brasileiras e de um programa parcial para o seu clube.

Nos últimos anos, a criação e a consolidação de programas esportivos dedicados exclusivamente a um time de futebol têm despertado sua atenção e curiosidade, que agora assumem a forma de uma investigação de caráter científico, no momento em que conclui sua formação em Jornalismo.

Quando da definição do tema a ser pesquisado, não lhe ocorreu outro tema se não o novo formato de programa esportivo radiofônico, onde impera a paixão por um time de futebol.

A proposta é mostrar como se deu a evolução do rádio no Brasil e no Ceará, além de discutir a questão da imparcialidade e da objetividade entre os jornalistas e radialistas. Por último, nos detemos na análise do programa “A Vida do Alvinegro”.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro aborda o que pode ser chamado de “pré-história”, bem como a história do rádio AM no Ceará: como surgiram as primeiras emissoras e as primeiras transmissões esportivas no Estado.

No segundo capítulo, apresentamos um pouco da história do rádio esportivo no Brasil, as primeiras emissoras e os pioneiros da narração, dos comentários, além de fatos que mudaram o rádio no Brasil. A história do futebol também é abordada.

Já no terceiro capítulo, discutimos um pouco acerca das características do Jornalismo, até chegar a um dos temas mais polêmicos sempre que se trata da questão do rádio esportivo: a imparcialidade diante das paixões clubísticas.

Por último, no quarto capítulo apresentamos o “A Vida do Alvinegro”, programa esportivo que vai ao ar há cerca de oito anos através das ondas sonoras da Ceará Rádio Clube (AM 1200), na cidade de Fortaleza. Através do “A Vida do Alvinegro”, tratamos a questão da objetividade e imparcialidade no rádio esportivo e apresentamos o que pode vir a ser consolidado como um novo gênero de rádio esportivo: o programa dedicado a um único time de Futebol.

Para realizar esta pesquisa, recorreremos ao torcedor do Ceará e idealizador do programa “a vida do alvinegro”, Airton Martins, que concedeu várias entrevistas (a maioria gravada), e abriu a porta da Ceará Rádio Clube durante todo o mês de outubro.

Outro radialista que foi entrevistado, o “Almeidinha”, colocou seu tempo à disposição do autor para a conclusão do presente trabalho. Um dos principais autores usados nesse material foi Edileuza Soares, que possui várias informações sobre as primeiras transmissões esportivas no Brasil.

2 UMA “PRÉ-HISTÓRIA” DO RÁDIO NO CEARÁ

O rádio nasceu no início do século XX e até os dias de hoje permanece como um dos principais veículos de comunicação em todo o mundo. Suas transmissões radiofônicas continuam sendo utilizadas com grande frequência pelos ouvintes em todos os continentes. O rádio tem se constituído como veículo de comunicação de massa cujas principais características são a instantaneidade e facilidade de acesso, inclusive pelos povos mais desfavorecidos economicamente.

No estado do Ceará, o rádio viveu um período que podemos chamar de “pré-história”, e que tem início em 1924, com a instalação do Rádio Club Cearense, uma associação de cidadãos interessados em rádio. Essa entidade chegou a reunir 129 associados, entre os quais, Elesbão de Castro Velloso, que instalou o primeiro equipamento para transmissão de voz e música, e que acabaria por se transformar em uma pequena estação, com potência de três watts, localizada na sede do Clube, à Rua Barão do Rio Branco, no centro de Fortaleza.

Naquela época, poucos membros da Rádio Club Cearense sabiam operar o inovador aparelho receptor de três válvulas, em circuito T.S.F, com alto-falante Ericsson Super-Tone. Em toda a capital cearense, no início da década de 20, existiam apenas mais quatro aparelhos receptores de rádio, que pertenciam a Clóvis Meton de Alencar, Alfredo Euterpino Borges, João de Carvalho Góes e Augusto Mena Barreto. (CAMPOS, 1984)

Faziam parte da lista de sócios da Rádio Club Cearense nomes influentes da política e da economia cearense, tais como: Humberto Monte, Mário de Alencar Araripe, João Lopes Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho, Raimundo Alencar Araripe, Álvaro Weyne, Dolor Barreira Guilherme Ellery, Mozart Pinto, Jáder de Carvalho, José Carlos Matos Peixoto, César Cals, Humberto R. de Andrade, Abel Ribeiro, Ignácio Gomes Parente, Heribaldo Dias da Costa, João de Deus Cavalcante, Clóvis B. Fontenelle, Amâncio Philomeno F. Gomes, João Thomé de Saboya e Silva, Octavio Lobo, Dário Correia Lima e Luiz de Moraes Correia.

Enquanto o rádio no Ceará vivia sua “pré-histórica”, o vizinho estado de Pernambuco já contava com uma emissora funcionando, desde 1919: a Rádio Clube

de Pernambuco, com um transmissor de 10 watts e um slogan que a tornaria famosa: “Pernambuco falando para o mundo”. Em 1924, existiam poucas emissoras no Brasil.

Enquanto no Ceará o rádio era um sonho de amadores, em Pernambuco e em vários estados brasileiros, as emissoras de rádio já buscavam a profissionalização e a conquista de ouvintes.

2.1 Pre 9 - Ceará Rádio Clube, A Pioneira

A história do rádio no Ceará começa no dia 28 de agosto de 1931, em Fortaleza, através da criação da sociedade civil integrada por “amadores da radiotelefonía”, chamada Ceará Rádio Clube. O seu fundador foi João Dummar, um apreciador da música erudita e radiotelefonía – como se denominava então as atividades de radiodifusão. A emissora era inaugurada uma década depois da Rádio Sociedade, que foi a primeira no Brasil. (CAMPOS, 1984:7)

Junto com João Dummar, faziam parte da sociedade civil: Francisco Aprígio Riquet Nogueira, Clóvis Fontenele, Joaquim da Silveira Marinho, Eusébio Nery Alves de Sousa, Francisco Campello de Alencar Mattos, Diogo Vital de Siqueira, Álvaro de Azevedo e Sá, Sebastião Coelho Filho, César Herbster Dias, Jorge Ottoch e tantos outros. Adísia Sá descreve a receptividade popular e a importância da chegada da emissora:

O fortalezense viveu momentos de euforia com a vinda da emissora que trouxe, logo nos primeiros anos, artistas de renome nacional, como Silvio Caldas, Francisco Alves, Carlos Galhardo, Dircinha Batista, Vicente Celestino. Não é um momento fácil, o mundo estava vivendo a Segunda Grande Guerra, com restrições no noticiário da imprensa, limitadas as fontes ao que chegava via telégrafos ou telegramas da Western (Sistema de Postal Dinâmico e de Gerenciamento de Conteúdo). A chegada da Ceará Rádio Clube, entretanto, representou um feito especial na vida cearense, tanto sob

o aspecto econômico, como social. A partir daquele momento Fortaleza não seria mais a mesma, tão pouco a imprensa. (SÁ, 2008, p.11).¹

Para Eduardo Campos, um dos personagens e pesquisadores mais importantes da história da comunicação cearense relata que

“o objetivo da sociedade era promover relações entre os amadores de radiotelefonia por meio de reuniões, irradiações e serviço de publicidade, assim como instalar uma estação emissora de onda longa devidamente autorizada pelo Governo, e de cujo stúdio seriam regularmente irradiados programas de atrações e interesses gerais; facilitar aos seus associados à aquisição, instalação de aparelhos de radiotelefonia e propagar a radiotelefonia, facilitando ao Governo a irradiação de notícias oficiais”².

A Ceará Rádio Clube, conhecida como “a pioneira”, iniciou efetivamente suas atividades, em 1932, com o prefixo PRATT. Pouco tempo depois passou para a ter o prefixo PRE-9. Segundo Eduardo Campos (CAMPOS, 1984:5), a emissora “dava-se ao luxo de ter dois pianos, um francês, de cauda, e outro, de fabricação nacional, de armário. As torres de transmissão eram do tipo ‘self-supporting’”.

No discurso de inauguração da rádio, João Dummar ressalta a importância da primeira emissora, e o apoio recebido:

“não é possível omitir também, pela sua significação, a cooperação valiosa e amiga da imprensa, por todos os seus diários e periódicos, sempre eloqüentemente favoráveis às realizações desta emissora

¹ SÁ, Adísia. *Viagem ao redor do rádio, Guia do Rádio e televisão 2008. Acert. 2008.*

² CAMPOS, Eduardo. *50 anos de Ceará Rádio Clube: 1934-1984.* Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará (IOCE)[s.d.].

para que ela se tornasse de fato a voz do Ceará para todo Brasil (Dummar Filho, 2002, p.58).³

Em 1936, a Ceará Rádio Clube promoveu o primeiro concurso para locutor, iniciativa que despertou a curiosidade do público. Fortaleza possuía à época, cerca de oitenta mil habitantes, que deixaram um pouco de lado o interesse pela prosa nas praças e as emoções do cinema para acompanhar a competição entre os radialistas. Deste concurso foram contratados três profissionais da categoria: Paulo Cabral de Araújo, José Limaverde e Raimundo Menezes, que conquistariam grande popularidade.

A cidade de Fortaleza crescia e o rádio também. Nas salas das casas, as pessoas se reuniam para escutar a Ceará Rádio Clube e seus locutores. O que o rádio falava, ecoava nas conversas nas calçadas, onde se colocavam cadeiras.

Em 1941, a Ceará Rádio Clube instalou um transmissor de ondas curtas, festejado com a presença de Orlando Silva, o “cantor das multidões”. No aeroporto, o cantor teve de ser escoltado pela polícia. O rádio se popularizava e criava os primeiros ídolos e fãs. Começava uma década, considerada por muitos autores como a “época de ouro” do rádio.

O entretenimento predominava na emissora. A grande maioria dos bares e restaurantes da capital cearense possuía um aparelho radiofônico instalado. Até os jornais abriam espaço para o rádio.

Como a simpatia do rádio estava cada vez maior, a Ceará Rádio Clube efetivou os primeiros programas de auditório, onde o público foi contemplado com cem poltronas, que lotavam toda vez que o show começava. Logo depois, o espaço foi aumentado para quinhentos, tendo em vista do sucesso dos cantores.

No dia 11 de janeiro de 1944, a Ceará Rádio Clube passa a pertencer à rede de comunicação dos “Diários Associados”, do poderoso Jornalista e empresário

³ DUMMAR FILHO, João. João Dummar: Um pioneiro do rádio. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

Assis Chateaubriand. Com isso, a radiodifusão do Ceará dá um grande passo para o seu desenvolvimento.

A primeira novela apresentada pela Rádio, “Aos pés do tirano”, escrita por Eduardo Campos conseguiu fazer sucesso no Ceará. Em 1944, a partir desse momento, novos ídolos passariam a fazer parte da história da radiodifusão cearense como: os irmãos Paulo e José Cabral de Araújo, João Ramos, Laura Santos, Manuelito Eduardo e Luzanira. Alguns deles oriundos do Rio de Janeiro. (CAMPOS, 1984: 14)

A Ceará Rádio Clube ficará na história como a pioneira e uma das principais emissoras de rádio cearenses em todos os tempos, fato bem observado na notícia publicada pelo jornal “O Unitário”:

A PRE-9 será um justo motivo de orgulho para o Ceará. E todo cearense amigo da sua terra há de ser por certo um colaborador espontâneo e entusiasta da grande obra radiofônica que se conclue em nossa capital. É verdadeiramente empolgante o trabalho de montagem do novo equipamento. Em Tauape, levanta-se uma grande obra que é bem um prodígio da técnica. Nos últimos andares do Edifício Diogo, ultima a instalação dos luxuosos estúdios. A PRE-9 será, positivamente, uma das primeiras emissoras sul-americanas (O Unitário, 21/09/1941, p. 9).

Em 1931, podemos considerar como a primeira transmissão esportiva da história do rádio cearense o relato de lances de uma partida futebol realizada no Campo do Prado, através de uma ligação telefônica. Seu autor foi o radialista José Cabral de Araújo. Já a primeira reportagem esportiva foi realizada por Oduvaldo Cozzi.

José Cabral de Araújo comandava o programa “Boletim Esportivo”, que durava cerca de 15 minutos e ia ao ar às 12h30mim, na Ceará Rádio Clube. Nesse período, não haviam repórteres, nem comentaristas. Parte das informações das emoções e acontecimentos da partida eram passadas através de gritos dos torcedores. Durante o intervalo do jogo, nada de entrevistas com jogadores ou comentários. O locutor sempre repetia o “Alô estúdio, música”.

Em 1950 aconteceu a primeira transmissão interestadual direto de Belém do Pará, pelo sinal da Rádio Internacional do Brasil, que colocou um canal para as rádios Iracema e Ceará Rádio Clube. (BEZERRA JÚNIOR, 1995:50)

Crescia a audiência dos programas e transmissões esportivas e novos locutores e redatores especializados na cobertura esportiva foram contratados, como Antônio de Almeida e Afrânio Peixoto. Em seguida, a emissora investe em uma grande equipe de locutores esportivos: João Ramos, Mozart Marinho, Luiz Carlos Aguiar, Alfredo Sampaio, Maurício Carvalho e Iran Benevides.

Em 1956, a rádio já possuía uma programação esportiva bem estruturada com audições editadas, roteirizadas e planejadas seguindo “scripts” copiados das emissoras do sul do Brasil. Alfredo Sampaio foi o primeiro pesquisador do rádio cearense. Logo passou a ser contratado da Rádio Uirapuru.

Nas pesquisas do Ibope, a Ceará Rádio Clube liderava com folga. A emissora possuía 34% da preferência do fortalezense, enquanto que a segunda colocada contava com 17%. (BEZERRA JÚNIOR, 1995: 53)

No início dos anos de 1960, os concursos de Miss Ceará agitavam a população. A Ceará Rádio Clube transmitia a competição com todos os detalhes. Era o auge dos concursos de beleza, que elegiam anualmente “a mais bela cearense”.

Fortaleza ainda mais provinciana, com cadeiras nas calçadas e homens elegantes de terno de linho, mas no caminho das salinas em meio a um vasto coqueiral, uma novidade estava sendo preparada: a TV Ceará - a primeira do Estado estava de contagem regressiva para nascer.

Com a inauguração da TV Ceará, uma leva de apresentadores, narradores, redatores e cantores saíram da Ceará Rádio Clube e de outras emissoras de rádio foram parar na emissora de televisão. Por muitos anos, a TV Ceará podia ser chamada de rádio com imagens, tal a presença do fazer radiofônico. (CAMPOS, 1984: 24)

O tempo foi passando e outras emissoras foram surgindo com mais força e investimento. A Ceará Rádio Clube foi se sustentando com muita garra, mas a televisão havia chegado para tomar seu espaço na sala das casas brasileiras, onde um dia, aparelhos enormes de rádio reinaram. Ao mesmo tempo, novas emissoras

de rádio consolidavam-se. A Ceará Rádio Clube, que passou a fazer parte da Rede Clube Brasil e mudou de nome para Rádio Clube em 2008, mantém-se em funcionamento até os dias de hoje, com uma programação arrendada a terceiros, abrigando vários programas esportivos, entre os quais, o programa “A Vida do Alvinegro”, objeto de estudos desta pesquisa.

2.2 Rádio Iracema: Um Novo Padrão

Logo após a instalação da Ceará Rádio clube, montou-se uma sociedade voltada à radiofonia, desta vez tendo como o objetivo de instalar a Rádio Iracema. Após três anos de tentativas e existência da sociedade, a emissora é inaugurada em 09 de outubro de 1948. A Ceará Rádio Clube começava a conhecer o impacto da concorrência.

Foram os primeiros fundadores da Rádio Iracema: José Barreto Parente, Flávio Barreto Parente e José Josino da Costa. Além da emissora em Fortaleza, a Rádio Iracema deu origem a uma pequena cadeia de emissoras instaladas no interior do Estado do Ceará, como filiais em Iguatu, Juazeiro do Norte, Sobral e Maranguape.

Durante muito tempo, a rádio teve seus estúdios funcionando no Edifício Guarani, localizado na Praça José de Alencar, um endereço absolutamente alencarino. Tempos depois, mudou-se para o 12º andar do Edifício Palácio Senador, na Rua Senador Pompeu. Entre 1940 e 1950, a Rádio Iracema desfrutou de grande audiência e importância. A emissora possuía sua própria orquestra, que animavam programas de auditório. Ao som da orquestra regida pelo Maestro Correia de Castro, muitos radialistas iniciaram sua carreira, como Irapuan Lima.

Em 1949, a emissora se transfere para o Edifício Pajeú e inaugura um auditório com capacidade para mais de 500 pessoas. Nessa época, os locutores e apresentadores começavam a ter a responsabilidade de conseguir liderança, credibilidade e respeito, numa disputa comercial direta com a Ceará Rádio Clube.

No rádio esportivo, a Rádio Iracema contava com um grande time de locutores e comentaristas para suas transmissões. A primeira equipe esportiva era comandada por Afrânio Peixoto. O narrador Jaime Rodrigues, já consagrado em outros estados nordestinos, era o principal nome da emissora. Barbosa Filho e Antônio de Almeida São Bernardo, respectivamente vindos do Maranhão e de Pernambuco, completavam o time. (FILHO, 2006)

Na disputa da audiência esportiva com a Ceará Rádio Clube, a Rádio Iracema começava em vantagem, por conta de uma melhor qualidade de som. Mas, por outro lado, os investimentos feitos pelos Diários Associados em uma equipe de locutores e comentaristas especializados em esporte, mais especificamente, em futebol. Começava a disputa pela audiência.

Com a inauguração da Rádio Iracema se estabeleceria a concorrência e isto era saudável para o rádio e o público saía ganhando. Além dos cantores da rádio Tupy, os “astros” e “estrelas” da Rádio Nacional viriam a Fortaleza, pois a Rádio Iracema fazia parte com a maior emissora do país, a época. (VIGIL, 1994, p.38).⁴

Atualmente, a Rádio Iracema aluga toda a sua programação para Igrejas evangélicas.

2.3 Rádio Uirapuru, A Emissora dos Pássaros

Em 16 de junho de 1956 inaugura-se mais uma rádio na capital cearense - a Rádio Uirapuru. A nova emissora foi fundada por José Pessoa de Araújo e Aécio de Borba, que vieram da Rádio Iracema, e José Júlio Cavalcante. Sua sede oficial foi na Rua Pedro Pereira, no edifício do INPS. Após várias mudanças de endereço, finalmente a rádio se firmou no bairro do Benfica, onde preservou um viveiro de

⁴ VIGIL, José Inácio. Manual urgente para radialistas apaixonados. Paulinas, 1994.

pássaros que era apreciado pelos moradores. Por esse fato e pelo próprio nome, a rádio ficou conhecida como “a emissora dos pássaros”.

A Rádio Uirapuru investiu no esporte e apostou na contratação de vários profissionais especializados. O modelo seguido vinha da Rádio Continental do Rio de Janeiro. Eram os principais locutores e comentaristas da emissora: Edgar Costa, J. Arabá Matos, Luiz Carlos Aguiar, Zé Cabral, Ivan Lima, Palmeira Guimarães, Jaime Rodrigues, Maurício Carvalho, Alfredo Sampaio, Astolábio Filho, José Santana e Afrânio Peixoto. (BEZERRA JÚNIOR, 1995: 55)

A Rádio Uirapuru foi à primeira emissora cearense a remunerar um profissional esportivo do rádio: Alfredo Sampaio, que trabalhava na Ceará Rádio Clube. Em 1962, um grande sucesso surgia: era o programa “o telefone pedindo Bis”, que era comandado pelo radialista Heraldo Menezes. O programa atendia ao ouvinte o seu pedido musical e ficou no ar até 1980. Esse estilo de programação ficou marcado pela rádio e é lembrado e seguido até hoje.

Um de seus grandes momentos de glória da rádio foi à transmissão do concurso Miss Brasil de 1956. Jaime Rodrigues falava de Buenos Aires e Fernando Lopes narrava o desfile. A emissora dos pássaros inovava cada vez mais e sua programação atendia a todos os gostos em Fortaleza. Foi a Rádio Uirapuru que se revelaram vários locutores esportistas que até hoje trabalham no rádio esportivo cearense, como Gomes Farias, Júlio Sales e Carlos Fred, que formavam a equipe esportiva da época. (FILHO, 2006)

Em junho de 1989, a Rádio Uirapuru foi vendida para Rede Record e passou a ser chamar Rádio Record, passando a veicular a programação da Igreja Universal.

2.4 Rádio Verdes Mares: A 810 Verdinha

No dia 31 de julho de 1956, poucos dias depois da inauguração da Rádio Uirapuru, Fortaleza ganhava mais uma nova emissora: a Rádio Verdes Mares,

conhecida popularmente por Verdinha, que pertencia aos Diários Associados. O seu fundador foi o ex-prefeito e radialista Paulo Cabral de Araújo.

Vários nomes importantes se engajaram na fundação da rádio, como: Cid Carvalho, Paulo Limaverde, Leorne Belém, Mardônio Sampaio, Edilmar Norões, José Santana, Zé Domingos, Mozart Marinho e Robério Távora. A Verdinha possuía uma programação bem semelhante a da Ceará Rádio Clube. (FILHO, 2006)

Em 1961, a Rádio Verdes Mares foi negociada com o industrial Edson Queiroz, que iniciou uma série de investimentos significativos para incrementar a audiência da emissora. Era o início do grupo de comunicações que poucos anos depois englobaria a TV Verdes Mares, filiada da Rede Globo e o Jornal Diário do Nordeste, na década de 80, além da Rádio FM Recife (PE).

Dois radialistas tiveram papel de destaque na consolidação da Verdinha. São eles, o radialista Narcélio Limaverde, que dirigiu a emissora e Renan França, radialista que veio do Rio de Janeiro. Sob o comando de Narcélio, a Verdinha populariza-se e passa a disputar a corrida pela audiência, principalmente a partir do projeto “Narcélio Limaverde nos bairros”. Todos os sábados era escolhido, um bairro e montado um estúdio em um caminhão. Com esta inovação, a Verdinha passou para o primeiro lugar em audiência nas pesquisas de opinião.

Outro fator muito importante na história da Verdinha da grande audiência conquistada pela equipe de esportes, sobretudo na década de 1970. Com a popularidade entre os torcedores cearenses, a emissora criou o “Clube do Torcedor”, onde cada torcedor possuía uma carteirinha com seu respectivo time (Ceará, Fortaleza e Ferroviário).

Ressalte-se ainda, o pioneirismo da Verdinha no esporte em se tratando da cobertura das Copas do Mundo (1978, 1982, 1986, 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006). Em 2006, data de comemoração de 50 anos da rádio, a programação da Verdinha passa a atingir vários estados e o mundo com sua transmissão via satélite e Internet. Hoje, a Rádio Verdes Mares possui a liderança de audiência em todos os horários, segundo as pesquisas do IBOPE.

2.5 Dragão do Mar, o Jangadeiro Resistente

A Rádio Dragão do Mar nasce com um claro objetivo político: ajudar o Partido Social democrático (PSD) a eleger Parsifal Barroso ao cargo de Governador do Ceará, em 1958. À frente da emissora, um grupo de militantes políticos, como Waldemar Alcântara, Armando Falcão, Franklin Chaves e Dorian Sampaio (GIRÃO, 2005:21). No livro “Só as Armas Calaram a Dragão”, o jornalista Blanchard Girão destaca o fundamental alvo de seu nascimento:

A “Dragão do Mar” nasceu, portanto, com esse objetivo primordial de levar a flamejante palavra de ordem das oposições aos mais recônditos pontos do território cearense, denunciando, até com excessiva virulência, os erros e desmandos cometidos pelo governo udenista de Paulo Sarasate/Flávio Marcílio, este o alvo principal dos ataques, porquanto lhe coubera a ingrata tarefa de acionar o último interruptor do palácio da luz... (Girão Blanchard, 2005:21).

Antes de sua inauguração, o nome da rádio ainda não estava certo. Foi então que o radialista Peixoto de Alencar resolveu sugerir que se homenageasse o jangadeiro Chico da Matilde – o Dragão do Mar - símbolo da resistência popular cearense contra a escravidão.

No dia 25 de março de 1958, pouco tempo para as eleições governamentais, a Rádio Dragão do Mar falou pela primeira vez para os cearenses. A emissora se localizava no 11º andar do prédio do IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários).

Meses depois da sua inauguração, a Rádio Dragão do Mar promoveu um concurso com vistas à descoberta de valores. A emissora conseguiu aprovar o narrador esportivo Gomes Farias e o animador de programas de auditório Jurandir Mito. Ela também contratou Paulino Rocha, um comentarista muito popular da época. Com isso, a “Dragão” passou a ter um importante departamento esportivo. (GIRÃO, 2005)

Com um time forte formado em pouco tempo, a Rádio Dragão do Mar tornou-se líder em programação esportiva, até que a equipe migrasse para a Verdinha.

Recentemente, a Rádio Dragão do Mar alugou toda a sua programação para o grupo católico Shaloon.

2.6 Rádio Assunção Cearense: A Voz da Arquidiocese

No dia 11 de fevereiro de 1962 mais uma rádio aparecia no cenário radiofônico do Ceará, a Rádio Assunção Cearense. A emissora foi fundada por D. Antônio de Almeida, sobre a administração da Arquidiocese de Fortaleza. O Padre Francisco Pinheiro Landim ficou com a responsabilidade de assumir a direção.

A Rádio Assunção Cearense funcionava como porta-voz da Arquidiocese e sua programação era voltada para os problemas educacionais, tendo uma programação bem diversificada. Os seus estúdios funcionavam na Rua Visconde de Sabóia. (FILHO, 2006)

Já no ano de 1982, os irmãos Moésio Loyola e José Maria de Melo compraram a emissora da Arquidiocese e mudaram a sua programação. Moésio Loyola antes de ser dono de rádio, era repórter e locutor esportivo. Desde então, os programas e transmissões esportivas passaram a ser o carro-chefe da emissora.

No dia 15 de julho de 2006, a Rádio Assunção Cearense passou a ser arrendada ao Sistema Globo de Rádio. Excetuando-se os programas e transmissões esportivas, toda a programação é retransmitida do Rio de Janeiro.

2.7 Rádio Am do Povo: A Número um em Jornalismo

No dia 25 de março de 1982, às cinco horas da manhã, com o locutor Paulo Roberto ao microfone, iniciavam-se as transmissões da Rádio AM do POVO, a primeira emissora de rádio do grupo de Jornalismo O POVO.

Desde o seu início, a AM do POVO, ou “A Companheira” – como também era chamada a emissora – caracterizou-se pela inovação. A rádio tinha a característica de fazer uma programação que colocava a participação do ouvinte e ter muita dinâmica na sua comunicação. (FILHO, 2006)

Na década de 1980, a Rádio O POVO ficava 20 horas no ar, sendo a única a ter um jornalismo que funcionava em três turnos. Rapidamente a audiência

creceu. A AM do POVO foi à primeira emissora com som estéreo e a única a cobrir as eleições para presidente em 1985.

No dia 3 de agosto de 1992, a jornalista Adísia Sá assumiu a direção jornalística e colocou no ar, um jornalismo questionador, combativo e incisivo. (FILHO, 2006) Com seu comando, a Rádio AM do POVO passou a ter um enfoque ainda mais jornalístico. Em 1993, a emissora se filia à Rede Bandeirantes, o que fortaleceu sua programação noticiosa.

No ano de 1994, a rádio formou uma equipe “imbatível” nas transmissões esportivas. Era o “timão do Povo”, que possuía três fortes locutores: Luiz Antônio, Vilar Marques e J. Rômulo. Alan Neto e o seu “Superlativo Programa do Alan”, tinha uma grande audiência com uma informação diferente de fazer futebol.

A Rádio AM do POVO foi à primeira emissora a entrar na Internet e segunda do Brasil a criar o cargo de ouvidor. Em 2005 ela passa a ser filiada à Rede CBN (Central Brasileira de Notícias), o que reduziu significativamente a programação local.

Atualmente, a Rádio AM do POVO transmite os jogos dos clubes cearenses e algumas partidas de times de São Paulo e Rio de Janeiro.

2.8 Rádio Cidade: A Caçula entre as Grandes

O empresário Patriolino Ribeiro de Sousa inaugurou a Rádio Cidade no dia 20 de junho de 1982. Cid Carvalho foi o seu primeiro diretor e tendo Augusto Borges e Assis Monteiro, os principais membros da administração.

Nascida sob a lógica de um grupo empresarial que já possuía uma emissora de TV e várias rádios FM, a rádio Cidade AM desde os seus primeiros dias caracteriza-se pela opção em arrendar toda a programação para terceiros, o que impede que a emissora tenha uma identidade própria.

A mesma lógica se aplica na cobertura esportiva. Ao longo do tempo, várias equipes esportivas foram criadas e desfeitas, de acordo com a capacidade de sobrevivência comercial das equipes de repórteres, locutores, comentaristas e

plantonistas. A melhor fase do rádio esportivo da Cidade AM foi na década de 1990, sob o comando de Wilton Bezerra. Hoje, Villar Marques comanda as transmissões esportivas juntamente com J. Rômulo.

Atualmente, a programação da Cidade AM é uma miscelânea de programas de esporte, pregações evangélicas, programas de forró e de política.

3. RÁDIO ESPORTIVO E FUTEBOL, A PAIXÃO ESTÁ NO AR

O futebol chega ao Brasil na bagagem de Charles Miller, um brasileiro de origem inglesa, que na época estudava na Inglaterra e retornou para o país em 1894, trazendo os primeiros equipamentos necessários para a prática do esporte.

Charles tornou-se sócio do São Paulo Athletic Club, que era formado por funcionários de empresas inglesas no Brasil. Com isso, o introdutor do futebol despertou o interesse dos curiosos pelo novo esporte.

No dia 15 de abril de 1895, Charles organizou a primeira partida de futebol no país. As duas equipes eram formadas por ele mesmo, onde os jogadores usaram as regras do futebol inglês. O campo do bairro Várzea do Carmo, em São Paulo, foi o primeiro jogo realizado no Brasil (SOARES, 1994:22).

Charles Miller teve um grande aliado na introdução do futebol no Brasil. O alemão Hans Nobiling, que chegou do seu país em 1897, com a idéia de criar um clube à imagem e semelhança do Germânia de Hamburgo, onde jogou antes de vir ao Brasil.

No início, Hans formou o Hans Nobiling team, time de funcionários da empresa Nobiling. Em 20 de outubro de 1889, o alemão participou de uma partida com jogadores brasileiros, portugueses, franceses, ingleses e alemães, da fundação do Sport Club Internacional.

Hans Nobiling ficou decepcionado quando seu pedido de alterar o nome do Internacional para Hamburgo foi negado. O alemão retirou do clube, seus parentes e fundou o Germânia. Na década de 1940, o clube troca de nome por Pinheiros.

Já na cidade do Rio de Janeiro, a primeira partida foi realizada no dia 1 de agosto de 1900, por pioneirismo de Oscar Cox, que conheceu o futebol na Suíça. Em 1901, paulistas e cariocas se enfrentavam pela primeira vez em um amistoso (SOARES, 1994).

Com a atração se espalhando pelo Brasil, alunos de outras escolas seguiam os passos de Charles Miller e Oscar Cox. Os jornais da época já abriam um pequeno espaço para as notícias do novo esporte. No início, as classes populares

não possuíam a autorização ao acesso aos clubes sociais, que por sua vez, concentravam as primeiras atividades futebolísticas.

A prática futebolista já estava se espalhando para todo o Brasil e a sua simplicidade e facilidades do esporte, atraíram vários torcedores para os clubes da época. Na época, o futebol era comandado pela elite que estabeleceu os padrões para sua prática. O Paulistano de São Paulo e o Fluminense do Rio de Janeiro, exigiam que seus jogadores vestissem *smoking* nas viagens e se hospedassem nos melhores hotéis onde iam jogar. Isso porque os dirigentes se preocupavam em manter os seus privilégios. (SOARES, 1994:24)

Em 1914, mais um passo foi dado para a organização do futebol. A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) foi unificada e três anos depois, começou a comercializar ingressos para as partidas. Com isso, os departamentos do futebol tornaram-se independentes das rendas obtidas nas suas partes sociais.

Com o pagamento de ingressos nas partidas, os torcedores exigiam o empenho dos jogadores e as vitórias. Quando o time ganhava, a presença do público aumentava cada vez mais.

Com a popularização do futebol, os clubes liberavam a abertura de seus quadros de jogadores que se destacavam. Os seus esforços eram recompensados pelos diretores com dinheiro. Na época, muitos brasileiros desempregados e analfabetos começaram a se interessar pelo futebol, para poder ganhar um salário. O caso mais interessante acontecido na época foi no Rio de Janeiro com o Vasco da Gama, que era sustentado pela colônia portuguesa. Em 1923, o time cruz-maltino colocou em campo quatro analfabetos e quatro negros ou mestiços (Conceição e Bolão, motoristas profissionais; Ceci, pintor de paredes e Nicolau, estivador). Eles participavam das partidas com entusiasmo e muita força física.

Coelho (2003) faz o seguinte relato sobre esse período:

No início do século XX, o Rio de Janeiro pulsava e impulsionava o Brasil. E no Rio os jornais dedicavam também cada dia mais espaço no futebol. Mais do que nas demais cidades do país. Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a Segunda Divisão apostando na

presença dos negros em seus quadros. (...) Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomava a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira Divisão.

A popularização fez com que os jogadores passassem a assinar uma ficha com seus dados antes de entrar em campo. A relação profissional e a identificação pessoal entre o clube e o jogador ficava cada vez mais próxima, ainda que se vivesse um período marcado pelo amadorismo.

3.1 O Início do Rádio Esportivo

O futebol é muito mais que o principal e mais praticado esporte no Brasil. Ele está profundamente inserido na cultura e no imaginário de milhões de torcedores apaixonados pelos seus times. Não importam as classes sociais, as crenças religiosas ou etnias e raças, o futebol consegue unir o povo e vibrar na hora do gol.

O rádio esportivo tem um papel muito importante na construção desta realidade da vida brasileira, contribuindo de maneira expressiva para que o futebol passasse a ser um esporte das massas, em todos os rincões deste imenso país.

Rádio e futebol chegaram ao Brasil na década de 1930, com a transmissão do VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. Coube ao locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, a primeira transmissão de uma partida de futebol, narrando a peleja entre as seleções de São Paulo e Paraná. (SOARES, 1994: 17)

Segundo Edileuza Soares, “a iniciativa da irradiação sistemática de futebol coincidiu com a profissionalização desse esporte no Brasil, ocorrida em janeiro de 1933”. O rádio teve uma grande importância para o surgimento de clubes e o aumento do interesse das torcidas pelo esporte.

O rádio esportivo é um fenômeno de comunicação de massa, isso graças, sobretudo, ao futebol. A linguagem diferenciada do rádio e a criatividade dos locutores e comentaristas fizeram com que houvesse um casamento quase que perfeito entre duas grandes paixões nacionais: rádio e futebol.

No início do rádio esportivo, as emissoras recorriam a vários telefonemas para conseguirem as informações e os resultados de competições. Para que o torcedor soubesse do desenvolvimento de uma partida, ele tinha que ir ao estádio. Nesse período, o rádio carecia de linguagem própria e dependia dos jornais impressos, que eram lidos e repassados de maneira improvisada pelos locutores.

As transmissões diretas da época careciam de recursos técnicos e as linhas telefônicas eram os principais recursos técnicos, que apesar de conseguir cobrir longas distâncias, não dispunha de boa qualidade de som. As narrações tinham que buscar maneiras criativas de manter a atenção (e a audiência) do público ouvinte, apesar das “chiadeiras” e “ruídos” nas transmissões.

Durante o passar dos anos com a necessidade de ir à campo, as transmissões esportivas foram se modernizando até ganhar o formato que conhecemos nos dias atuais.

Da mesma forma que o futebol foi evoluindo, o rádio o acompanhou com todos os avanços tecnológicos que passavam a permitir, por exemplo, as transmissões de jogos realizados em longas distâncias. Soares defende a importância do rádio esportivo para a evolução do rádio, a partir da necessidade de ampliar o alcance das informações a serem transmitidas ao público, ao afirmar que

O rádio esportivo é também em grande parte responsável pela incorporação no Brasil das inovações tecnológicas que surgiram na radiodifusão mundial. Seu desenvolvimento passa ainda pela apropriação de técnicas de planejamento e de organização, resultando na implantação e funcionamento de departamentos especializados. (SOARES, 1994:14)

Em 1932, são autorizados os comerciais, o que levou à necessidade de uma reformulação das programações das emissoras e contribuiu muito para uma definição dos gêneros radiofônicos, iniciando a segmentação de públicos.

O rádio ganha um caráter de negócio, as grandes emissoras passaram a se organizar como empresas e surge a linguagem eclética. Aparece, então, a competitividade entre os veículos.

É nesse momento que o rádio esportivo ganha maior importância, ao incorporar ao rádio uma massa de incalculáveis corações apaixonados pelo futebol, ou como diziam os antigos *speakers* – o esporte bretão.

3.2 As Primeiras Transmissões

O locutor Nicolau Tuma, através da Rádio Educadora Paulista foi o primeiro a transmitir uma partida inteira de futebol, tendo criado sua própria maneira de narração, descrevendo todos os lances da partida. A partida transmitida foi entre as seleções de São Paulo e Paraná em 1931.

Daí em diante, o “Speaker Metralhadora” criou um estilo de narração realista, sem o uso dos símbolos conotativos, como nos conta Soares,

A primeira escola de locução esportiva foi criada por Nicolau Tuma, na transmissão pioneira do jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná, em 1931. A partir desse jogo, Tuma adotou um estilo de narração realista, sem o uso de símbolos conotativos. Ele fotografa com a voz e comunica tudo o que está havendo. “Ele apenas registra o que se passa no gramado”, informa a coluna “Radiotelephonia” do *Diário Popular* (24 de abril de 1934). A preocupação de Nicolau Tuma com a objetividade também o impedia de se utilizar de figuras de imagem.

Como seu substituto, Tuma lançou Rebello Júnior, narrador que trabalhava na mesma emissora, onde cobria as corridas de cavalo, que eram

famosas na época. Rebello Júnior seguiu o jeito de Nicolau Tuma e inovou ao criar o grito de gol com uma longa emissão de voz, estilo que até hoje é estilo e é usado por locutores de rádio e televisão.

Mesmo com várias dificuldades nas narrações, Nicolau Tuma levou à frente as transmissões esportivas. Consagrado nas narrações de jogos, o locutor transferiu-se para Rádio Record, onde passou a ser chamado de *speaker metralhador*, criando um estilo rápido, até hoje característico das narrações radioesportivas.

Até o início de 1930, o rádio era sustentado pelas pessoas que possuíam boas condições econômicas e que podiam se integrar às emissoras. O rádio funcionava como um clube de contribuintes e se aplicava em atender bem a esta elite.

Mesmo não sendo a pioneira nas transmissões, foi a Rádio Record que se destacou nas primeiras irradiações esportivas na cidade de São Paulo, conquistando um grande prestígio. Além do futebol, a emissora dava importância para os outros esportes como o boxe e o turfe.

Em 1933, a Rádio Record também foi pioneira em transmissões em cadeia ligando várias emissoras no interior, dando início a uma nova fase no rádio brasileiro.

“A 10 de junho, a Rádio Record faz, pela primeira vez no Brasil, coisa ainda não conseguida por nenhuma outra emissora, um serviço esportivo completo que durou mais de um ano, dando aos domingos, durante as competições de futebol, os resultados de todos os jogos que se realizaram em todos os campos de São Paulo e Rio. (Mendes, 1988:52).

As primeiras emissoras usavam um recurso que ainda hoje é usada pelos radialistas esportivos. Elas ligavam para os clubes e para as entidades que organizavam os campeonatos, para coletar todas as informações e passar para o ouvinte. Mas não havia como transmitir informações direto dos estádios.

Em 1934, a Rádio São Paulo entrou no ar pela primeira vez, seguidas das Rádios Cultura, Cosmos Difusora e Excelsior. Já em 1937, é a vez da Rádio Tupy e

Bandeirantes. Com isso, o mercado de trabalho para os locutores e comentaristas cresce expressivamente. Destacam-se os primeiros talentos no rádio paulistas: Gagliano Neto, Rebello Junior, Murilo Antunes Alves, Geraldo José de Almeida, Blota Júnior, Murilo Antunes, Renato Macedo, Ari Silva, Jorge Amaral e Araken Patuska.

O aumento da concorrência faz com que as emissoras se especializem em determinados campos e fiquem mais populares. Algumas voltaram-se para o radiojornalismo, outras à programação musical. Nessa segmentação que se inicia, surge a Rádio Panamericana, em 1942, que inovou nas transmissões esportivas e se tornou a “Emissora dos Esportes”, conseguindo a liderança na audiência.

Para Edileuza Soares, a Panamericana “foi a grande escola do rádio esportivo brasileiro e fez com que o mercado valorizasse o trabalho dos profissionais do setor”⁵. A emissora conquistou a liderança na audiência e estimulou outras rádios paulistas.

Dentre as suas principais características da Rádio Panamericana estão: a especialização nas transmissões, um forte time de profissionais, introdução do sistema de plantão esportivo e a invenção do repórter de pista que se posiciona atrás do gol e descreve os lances na transmissão. (BEZERRA JÚNIOR, 1995:16)

3.3 Da Primeira Copa a Derrota em 1950

A Copa do Mundo da França, em 1938, foi a primeira a ser transmitida pelo rádio, mais exatamente pela cadeia das Emissoras Byngton (Rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro, Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo, além da Rádio Clube de Santos) que cobriram os primeiros cinco jogos da Seleção Brasileira de Futebol. Como relata Soares,

⁵ Soares, Edileuza. A Bola no Ar. O Rádio esportivo em São Paulo. São Paulo Summus, 1994. p. 52.

Gagliano Neto narrou diretamente da França, onde estava em disputa a III Copa do Mundo. Ele irradiou os cinco jogos do Brasil, para a cadeia das Emissoras Byington (formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; Cosmo e Cruzeiro do Sul, de São Paulo), em combinação com *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, com patrocínio exclusivo do Cassino Urca. (Soares, 1994, p.33)

As Organizações Byington formavam uma cadeia de emissoras, com as rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; Cosmos e Cruzeiro do sul, de São Paulo. Elas possuíam a exclusividade das transmissões das partidas de futebol e com patrocínios que lhe rendiam o monopólio⁶.

Já em 27 abril de 1940, o jogo pesado ocasionado pelas Organizações Byington contra a liberdade de transmissão sofreu uma forte queda com a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu. Pela primeira vez, um estádio em São Paulo tem cabines abertas para todas as rádios.

A partida inaugural do Estádio do Pacaembu é tratada como o fim do monopólio das Organizações Byington. O jogo entre Palestra e Coritiba, foi transmitido por várias emissoras, como a Rádio Cultura, que transmitiu na voz de Nicolau Tuma, o “Speaker Metralhadora”⁷.

De acordo com Edileuza Soares⁸, o locutor paulista Leonardo Gagliano Neto, titular do Departamento de Esportes da PRA-3 - Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro, foi o locutor que irradiou os jogos da Copa.

No ano da copa de 1938, as notícias dão conta que a maioria dos brasileiros que tinham rádio parou para escutar Gagliano Neto. Lugares públicos que

⁶ Soares, Edileuza. *A Bola no Ar. O Rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo Summus, 1994. p. 43

⁷ Soares, Edileuza. *A Bola no Ar. O Rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo Summus, 1994. p. 43

⁸ Soares, Edileuza. *A Bola no Ar. O Rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo Summus, 1994.

tinham caixas de rádio em lugares estratégicos, ficaram lotados de pessoas torcendo por nossa seleção. A transmissão tinha pequenos ruídos e interferências. Mesmo assim, Gagliano Neto se consagrou e imortalizou-se na história da radiofonia brasileira.

Em 1950, com a chegada da Copa do Mundo ao Brasil, a popularidade do rádio esportivo se tornou muito grande. A seleção Brasileira foi vice-campeã, perdendo para a Seleção do Uruguai e frustrando cerca de 200.000 espectadores presentes no estádio do Maracanã, no que até hoje é lembrado como uma tragédia nacional. Os brasileiros viveram momentos de deslumbre com as transmissões do campeonato, onde foi a única vez que o Brasil sediou uma Copa do Mundo.

Mas não foi somente a seleção que foi derrotada em 1950. Com a perda da Copa, o rádio começa a passar por uma pequena crise, onde as verbas publicitárias começam a desaparecer e os investimentos a cair. Com isso, as emissoras radiofônicas começam a atender as necessidades da cada região, se especializando na formação do público local.

Outra consequência desta derrota foi que o rádio esportivo perdeu espaços e passou a dividir mais espaços nas programações com as notícias locais e a prestação de serviço.

3.4 Rádio Panamericana

Rádio Panamericana foi fundada em 1942 por Oduvaldo Viana e pelo jornalista Júlio Cozzi, que iniciou seus trabalhos em 1944. A rádio possuía o projeto de se transformar em emissora exclusiva de novelas. Mas a idéia foi um fracasso, apesar do elenco formado por nomes como Dias Gomes e Mário Lago.

Em 1946, após o fracasso da rádio, o empresário Paulo Machado comprou a emissora e a incorporou à Rede de Emissoras Unidas do Grupo Machado de Carvalho, que eram formadas pelas Rádio Record, Bandeirantes, São Paulo e Excelsior.

Paulo Machado era apaixonado por futebol e resolveu transformar a Rádio Panamericana em “Emissoras dos Esportes”. Com isso, o empresário colocou seu filho, Paulo Machado de Carvalho Filho à frente da emissora.

Logo após a idéia, Paulo Machado de Carvalho Filho contratou Pedro Luís, um dos melhores narradores esportivos do Brasil, que teve a missão de trazer um grande grupo de profissionais para as transmissões. Na equipe formada, algumas inovações com um crítico de arbitragem chamado Flávio Lazetti. Soares, relata outra inovação:

Na Panamericana, a irradiação esportiva contava também coma ajuda de um cronometrista, que entrava no ar para informar o tempo de jogo (hoje a cronometragem continua sendo feita, mas o tempo de jogo é dado por um sinal eletrônico).(…). A previsão do tempo e dos ventos era preparada dentro do campo, atrás das linhas de fundo, no dia da realização do jogo. Paulo Machado de Carvalho Filho diz que muitas vezes o juiz perguntava ao encarregado da previsão “se ia chover ou não para ver se ele poderia pensar em adiar o jogo, ou não”. (SOARES, 1994, p.48)

Em 1948, a Rádio Panamericana colocou ao ar o seu primeiro Plantão Esportivo, passando a ser uma novidade nas rádios paulistas. Narciso Vernizzini coordenou a equipe informando os resultados das partidas de todo o Brasil. Era o maior triunfo da emissora para bater as concorrentes. A inovação atualizou a estilo de coletar os resultados das partidas.

Além do Plantão Esportivo, a Rádio Panamericana contava com vários repórteres de outras cidades, onde os resultados eram passados para o locutor na hora da divulgação dos resultados. A Rádio Panamericana foi a principal escola do rádio esportivo brasileiro. Muitas das inovações que a emissora proporcionou ainda são usadas até hoje.

3.5 Rádio Esportivo no Ceará

A primeira transmissão esportiva no rádio cearense aconteceu em 1938, quando o time do Palestra Itália, hoje chamado de Palmeiras, realizou uma excursão à capital cearense. Nicolau Tuma e Oduvaldo Cozzi acompanhavam a equipe paulista, cobrindo a viagem do “verdão”. No estado do Ceará, não havia à época nenhum profissional especializado nas transmissões esportivas.

A Ceará Rádio Clube foi à primeira emissora cearense a transmitir uma partida de futebol. Coube ao locutor José Cabral de Araújo e o comentarista Rui Costa Souza cobrir o primeiro jogo. As partidas de futebol eram realizadas no Campo do Prado, onde atualmente é a Escola Técnica (CEFET). José Cabral de Araújo narrava os jogos em cima de um “puleiro” instalado no local.

José Cabral comandava o programa “Boletim Esportivo”, que ia ao ar às 12h30 min. No seu tempo, não havia repórteres nem comentaristas. Os torcedores, com seus gritos, eram os “responsáveis” por boa parte das informações passadas ao locutor.

Durante os intervalos das partidas, José Cabral sempre repetia o “Alô estúdio. Música”, onde músicas eram selecionadas para serem tocadas durante os intervalos das partidas. (BEZERRA JÚNIOR, 1995:49)

Somente em 1950 que a Ceará Rádio Clube encontrou concorrência no campo esportivo. A Rádio Iracema transmitia as partidas com uma melhor qualidade de som e investiu em locutores de nome. Mesmo assim, a “pioneira” possuía uma grande audiência.

Jaime Rodrigues, experiente e com renome no Nordeste, foi contratado para a Rádio Iracema. A rádio trouxe também o especializado Barbosa Filho, do Maranhão e Antônio de Almeida São Bernardo do Pernambuco.

A primeira transmissão interestadual só foi realizada em 1950, direto de Belém do Pará, pelo sinal da Rádio internacional do Brasil que se dispôs de um canal para as rádios Iracema e Ceará Rádio Clube.

A Rádio Iracema possuía uma melhor qualidade do som e conquistou a audiência, através da narração de Ernani Soares. Na época, os locutores ganhavam cachês para o seu trabalho.

A Ceará Rádio Clube contava com uma maior audiência, mesmo a Rádio Iracema tendo uma melhor qualidade de som. A “pioneira” formava uma equipe com locutores e comentaristas especializados na cobertura esportiva.

Na década de cinquenta, a Ceará Rádio Clube contava com nomes como Afrânio Peixoto, João Ramos e Alfredo Sampaio. Pela Rádio Iracema, atuavam Francisco Alves Maia, Irapuam Lima, Augusto Borges e Narcélio Limaverde.

Já em 1956, a Ceará Rádio Clube contava com uma programação esportiva bem estruturada, onde os roteiros eram copiados das emissoras do sul do Brasil. Alfredo Sampaio era um grande nome que fazia sucesso no cenário radiofônico cearense. Sendo o primeiro a ser remunerado com salário mensal ao trocar a emissora pela Rádio Uirapuru. (BEZERRA JÚNIOR, 1995:53)

Apenas dois programas iam para o ar diariamente na Ceará Rádio Clube. Um ao meio-dia e o outro à noite. A Rádio Uirapuru, que surgiu em 1956, apostou na contratação de profissionais especializados junto a jornais impressos, como Edgar Costa, J. Arabá Matos e Ivan Lima⁹.

Com o surgimento de outras rádios, várias emissoras investiam no rádio esportivo nas últimas décadas. Hoje, o rádio esportivo cearense conta com várias rádios que transmitem futebol e possuem uma programação esportiva fixa em sua programação.

Pelo menos tantas emissoras de rádio AM mantêm programas esportivos e realizam regularmente transmissões esportivas na sua totalidade voltados à cobertura da participação dos times da capital cearense em competições locais e nacionais, sobretudo do Ceará Sport Club e do Fortaleza Esporte Clube – os dois times de maior torcida no Estado.

Das primeiras horas do dia até o início da madrugada, de 7 da manhã à meia-noite, a qualquer hora do dia é possível girar o *dial* de um rádio AM e ouvir reportagens, comentários e a participação dos ouvintes-torcedores. Segundo os dados atuais da APCDEC (Associação dos Profissionais da Crônica Desportiva do Estado do Ceará), são 450 profissionais cadastrados trabalhando na área esportiva

⁹ BEZERRA JÚNIOR, *Wilton*. Rádio: do amadorismo ao profissionalismo. *UFC*. 1995. p. 55

nos veículos de comunicação, afirmando assim, a força do esporte no estado do Ceará.

Uma oferta de programas esportivos dessa quantidade busca atender a um público gigantesco e apaixonado. Para situar o tamanho deste público ouvinte, basta citar um dado: as duas maiores arrecadações e público-pagantes do campeonato brasileiro da série B, de 2008, pertencem ao Ceará ao Fortaleza. Não é sem razão que o rádio cearense tem sido cenário para o surgimento de um novo tipo de programa esportivo, que abordaremos em outro momento deste trabalho.

4. JORNALISMO E A NOTÍCIA

Os primeiros jornalistas eram chamados de escritores, onde levavam correspondência para os príncipes governantes, das cidades imperiais, das cidades-estado ou das casas comerciais, durante o século XVI. Segundo Michael Kunczik, “os editores de livros, negociantes, diplomatas e outras pessoas com fácil acesso da informação foram os precursores em tempo parcial dos jornalistas” (Kunczik, 2002:22). Nesta mesma época, as gazetas eram vinculadas pelos interesses mercantis e chegavam às mãos dos comerciantes. Felipe Pena relata sobre elas:

Na árvore genealógica dos jornais estão as gazetas, que vêm do italiano *gazzete*, a moeda utilizada em Veneza no século XVI. Elas eram manuscritas, periódicas e apresentadas em quatro páginas em frente e verso, dobradas ao meio, como um pequeno fólio, de vinte centímetros de altura e quinze de largura. Custavam uma moeda, ou seja, uma gazeta. As notícias eram vinculadas ao interesse mercantil, com informes sobre colheitas, chegada de navios, cotações de produtos e relatos de guerra. Vinham de diversos países. Não traziam títulos, apenas data e local de procedência. Possuíam leitores dentro e fora de Veneza, o centro comercial e informativo mais importante da Europa na época. De lá, eram produzidas e expedidas por correio, saindo todos os sábados para diversas cidades italianas. (PENA, 2006:34)

O primeiro jornal surgiu na Alemanha, na primeira década século XVII. O jornalismo chegou a ser uma profissão no tempo integral, apenas no século XIX, onde se podia sobreviver economicamente na Europa e nos Estados Unidos. Nesta época, Karl Marx já era o mais destacado jornalista (Kunczik, 2002:23). Nilson Lage relata o surgimento do jornal que conhecemos hoje, onde se tinha o mesmo formato:

O jornal como se conhece hoje surge no século XIX - a começar pelo formato, que acompanha a largura da bobina das impressoras

rotativas. Tudo nele teve de ser inventado: a separação entre notícias, os títulos que dariam origem às manchetes, a divisão das páginas em colunas, a gravura industrial, a gravação de fotografias sobre retícula etc. (LAGE, 2005:32)

Porém, uma das principais alterações do jornalismo na prática jornalística foi conferida à publicidade que, a partir de 1830, torna-se receita das empresas. Para Lage, os anúncios buscavam atingir o maior número de clientes potenciais possíveis (LAGE, 2005:33). Atualmente, a idéia do anúncio possui a mesma função.

No Brasil, a imprensa surgiu oficialmente com a chegada da família real em 1808. De acordo com Lage, o Correio Brasiliense é apontado como o primeiro jornal brasileiro. Ele foi editado em Londres por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. (LAGE, 2005:62)

Diferentemente dos tempos antigos, o jornalismo se transformou de acordo com as novas invenções tecnológicas. O século XX foi marcado pelo surgimento do rádio, televisão e internet, diferenciando-se em diferentes formas: jornalismo impresso, radiojornalismo, jornalismo online e telejornalismo. Cada uma dessas formas apresenta particularidades próprias. (PINHO, 2003:56)

Para Pinho, o jornalismo é uma profissão bastante dinâmica em razão das rápidas mudanças causadas pelas inovações tecnológicas que atingem os meios de comunicação e, por extensão, a atividade jornalística (PINHO, 2003:57).

Segundo Rabaça, o jornalismo pode ser conceituado como a atividade profissional que tem por objeto a apuração, o processamento e transmissão periódica de informações atuais para o público. (RABAÇA & BARBOSA, 2002:17-18)

Para Ward (2002:17), o jornalista percorre quatro etapas básicas da atividade jornalística:

- Identificar eventos, fatos, experiências ou opiniões que possam ser de interesse do seu leitor ou de determinada audiência;
- Coletar as informações necessárias para desenvolver a idéia inicial e para verificar sua exatidão e relevância para o leitor;

- Selecionar do material coletado as informações que forem de maior valor e interesse para o leitor; e
- Ordenar e apresentar a matéria com total precisão e veracidade, de modo que informe, estimule ou entretenha o seu leitor.

O jornalismo transforma os acontecimentos no dia-dia das pessoas através de notícias que são passadas pelos veículos de comunicação. Com isso, a notícia é a principal encarregada de atualizar a população e é considerada por muitos autores, a matéria-prima do jornalismo.

Dessa definição, contudo, podemos tirar o único fator de convergência entre a maioria dos autores que analisam a questão jornalística: a notícia é a matéria-prima, o produto principal da atividade jornalística. (DA SILVA VASCONCELOS, Francisco, 2003, p.50)

A matéria-prima do jornalismo, a notícia, é redigida pelo repórter que possui o dever de informar a seu público de forma que este construa a sua visão do mundo. José Ortega Costalles afirma que “a missão do repórter é captar a realidade objetiva com a maior amplitude e precisão possíveis, narrá-la com fidelidade, de tal forma que o leitor receba a mais cabal informação sobre o fato” (MEDINA, 1988:20).

Mas em muitos casos não é assim que a notícia é veiculada pela imprensa. A realidade dos tempos atuais nos mostra que ela virou, muitas vezes, uma mercadoria que os meios de comunicação colocam à venda.

Segundo Wesley Vasconcelos,

“a notícia, como principal produto do jornalismo, modificou seu caráter de relato simplesmente e transformou-se em mercadoria (...) fica passível de ser moldada segundo padrões mercadológicos, ou seja, será confeccionada de modo a atrair a atenção do leitor/consumidor, com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais”. (VASCONCELOS, 2003: 52).

Talvez os fatos que não viram notícias seja um dos pontos mais negativos na profissão dos jornalistas. Segundo Pena, “Revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade”. (2008:70).

4.1 Em Busca da Objetividade

O conceito de objetividade no jornalismo surgiu nos primeiros 30 anos do século XIX, com a estruturação de um novo paradigma: o de privilegiar a informação, os fatos, em vez da opinião e dos confrontos ideológicos, no caminho da imprensa politizante para uma imprensa comercializada (AMARAL, 1996). De acordo com Ferreira, “teve início, então, a uma busca obstinada pela verdade dos acontecimentos, em que o jornalista deveria isentar-se de todo e qualquer juízo de valor na apuração e na produção das notícias” (FERREIRA, 2008:14).

Objetividade, segundo (AMARAL, 1996), estava associada a uma mistura de estilo direto, imparcialidade, faturalidade, isenção, neutralidade, distanciamento, alheamento em relação a valores e ideologia.

Até a primeira metade do século XIX não havia preocupação, por parte do editor e do leitor, com equilíbrio e imparcialidade. Como a imprensa era sobretudo político-partidária, comprava-se (assinava-se) jornal para saborear a versão parcial dos acontecimentos e para se ler críticas aos adversários, quase sempre pessoais, procedentes ou não, e invariavelmente em termos fortes, quando não afrontosos. (AMARAL, 1996: 26)

Para Amaral, quatro fatores contribuíram para a adoção definitiva do princípio da objetividade no jornalismo: o advento das agências de notícias; o

desenvolvimento industrial; as duas guerras mundiais e o advento da publicidade e das relações públicas. De acordo com Ferreira,

na Primeira Guerra Mundial, a propaganda mostrou à comunidade jornalística as diversas maneiras de como um fato pode ser apresentado, interpretado e manipulado ou simplesmente criado, fazendo com que os jornalistas passassem a suspeitar dos fatos e duvidar do empirismo ingênuo do final do século XIX. (FERREIRA, 2008:17)

Ainda segundo Ferreira, o conceito de objetividade passou a dirigir o procedimento da construção da notícia. “Naquela época, valorizava-se a captação fiel da realidade, tal qual acreditavam fazer as modernas máquinas fotográficas, sem qualquer interferência da subjetividade humana” (FERREIRA, 2008:18)

Para (WESDLEY, 2003:65), o conceito de objetividade está ligado à suposta relação existente entre as declarações jornalísticas e a realidade. A notícia é passada e o receptor adquire as informações do seu jornal. De acordo com VASCONCELOS,

o conceito de objetividade, tido ainda como recurso de ordem nessas duas esferas, precisa, antes de qualquer coisa ser revisto. No que concerne à atividade jornalística, a opção pela objetividade como estratégia de retórica é ainda mais grave, pois afeta a concepção de mundo dos receptores dessa mensagem, que, na maioria das vezes, ignoram o contexto no qual tal conteúdo foi concebido. (2003: 65).

Com isso, a objetividade configura não como um processo de “colher” à verdade, mas como uma aparência do fato. Versões imediatas são passadas para o público no processo de comunicação. Para Rogério Koff, “a objetividade jornalística é um mecanismo ideológico proposto pelos meios de comunicação de massa, que pretendem mascarar a evidência de que a suposta verdade dos fatos é uma construção social”. (MORETZSOHN, 2002: 80).

Porém, quando se trata de objetividade, tem se em mente apenas o texto, esquecendo-se “não apenas o processo de seleção das informações ali contidas mas o fato de que um jornal é um conjunto de elementos verbais e não-verbais que interagem na produção de sentido” (MORETZSOHN, 2002: 80).

Wesdley afirma que “o jornalista é considerado um agente neutralmente distanciado para poder transmitir a informação com objetividade e ética profissional” (2003:66).

Uma dos recursos que são utilizados pelos jornalistas para uma matéria objetiva, são as aspas. Já a terceira pessoa é usada para aproximar o acontecimento com o leitor. Para Francisco Wesdley da Silva Vasconcelos, “as aspas são o lugar de garantia da fidelidade do texto, como uma comprovação de uma informação objetiva e, ao mesmo tempo, como forma de transferir à fonte a responsabilidade pela autoria do enunciado (...) O uso da terceira pessoa aproxima o leitor do acontecimento ocorrido e a distancia com o repórter da notícia, aproximando o leitor do fato”. (VASCONCELOS, 2003: 67).

Para Gomes, “tudo se passa como se não houvesse nenhuma colocação de valores ou hierarquização” (2000:53). Segundo Wesdley,

o uso da terceira pessoa é um sinal de “distanciamento” do repórter perante a notícia, mas que, paradoxalmente, aproxima o leitor do fato. A pretendida ausência de intermediários entre o acontecimento e o leitor, confeccionada pela linguagem objetiva, faz pensar os fatos como contando-se a si próprio. (WESDLEY, 2003:67)

Diante de alguns exemplos citados. Qual será a ética profissional do jornalismo? Para Michael Kunczik, “todos esses princípios profissionais exigem que o jornalista respeite a verdade, em forma cuidadosa e confiavelmente o público, verificando a fonte das notícias e corrigindo as informações errôneas”. (KUNCZIK, Michael, 2002: 109). O respeito, a ética e a verdade devem prevalecer no jornalismo. O público deve saber o fato verdadeiro.

No jornalismo, não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas pela difamação não cicatrizam. A retratação

nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo. (PENA, Felipe, 2008: 113)

De acordo com Wesdley, a noção que é “verdadeiro” evoca os termos pelos quais nossa contemporaneidade se tem dimensionado entre a impotência das metanarrativas e à impossibilidade da “verdade” (WESDLEY, 2003:67). Trata-se da “oscilação entre verificabilidade, efetividade ou sucesso visando consenso. É por isso que para o jornalismo seu testemunho é verdadeiro, podendo, portanto, ser argumento pró-consenso” (GOMES, 200:53).

O caráter “objetivo” e “imparcial” do jornalista tem antecedências nos preconceitos da ciência e filosofia de cunho moderno. De acordo com Henn, “o jornalismo incorpora certos fundamentos da ciência de base positiva que acreditavam na objetividade, no distanciamento imparcial do cientista” (HENN, 1996:20).

4.2 O Conceito de Imparcialidade

O conceito de imparcialidade no jornalismo traz sempre uma discussão, principalmente na parte esportiva. Segundo Buarque, “ser imparcial significa ser neutro, reto e justo; que não sacrifica a sua opinião à própria conveniência, nem às de outrem” (BUARQUE,2004:1075). Para Sérgio Xavier Filho,

jornalismo é tudo igual. Econômico, esportivo, policial, as regras básicas são sempre as mesmas. Ouvir todos os lados da questão, para checar cada informação, escrever com ética e clareza. Em uma frase se resume tudo. Ou quase. O jornalismo esportivo se atrapalha de vez em quando em um requisito básico da profissão, que é a imparcialidade. Como podemos praticar a imparcialidade se, no

fundo, não somos imparciais? Porque, antes de mais nada, desconfie de repórter de futebol que diz não ter time. Se não tem, provavelmente não ama o esporte e talvez esteja sem emprego. (...) Todos torcemos, a dificuldade é separar a paixão que vem da infância da atividade diária. Os melhores conseguem, mas muita gente é condescendente demais quando se trata do próprio clube ou, como costuma acontecer, extremamente exigente. Temos um complicado exercício cotidiano para separar emoção de razão". (FILHO, 2008)

Não só no futebol a imparcialidade é polêmica, "Para os profissionais que trabalham diretamente na mídia impressa, há com frequência uma preocupação em produzir um discurso que legitima a informação com isenção e imparcialidade" (MOURÃO, 2005:74).

Para Elcias Lustosa,

"a imparcialidade jamais ocorreram efetivamente no jornalismo. Nos anos 50, os jornalistas, com raras exceções, assumiram a pregação da imparcialidade como princípio ético e moral do jornalismo, embora praticassem exatamente o contrário"(LUSTOSA, 1996:81).

Juntamente com objetividade, a imparcialidade é uma característica muito importante para o jornalismo. Segundo Mariana Caetano,

A objetividade e a imparcialidade são cada vez mais insuficientes à sobrevivência de um jornal ou meio de comunicação. Talvez provocado pelo exagero da utilização desses recursos ou baseado no fato de que o jornalismo tenha mais que ver com o reconhecimento e confiança dos leitores em relação a "seus" veículos. O ideal é que o veículo seja, de alguma forma, útil para o público. Mostrar que um jornal é útil pode ser uma tarefa mais difícil do que aparenta. (CAETANO, 1997)

Muitos julgam que são parciais e na verdade se escondem nos seus próprios interesses. Não é difícil encontrar um jornalista que seja neutro. Para Bahia, "a imparcialidade é para o jornalismo um ideal, como a honestidade, a exatidão, a veracidade, a responsabilidade, a objetividade, etc" (BAHIA, 1990:13).

4.3 A Imparcialidade no Rádio

No Brasil, o jornalismo esportivo possui um grande interesse por parte da população. E o assunto mais tratado no rádio é o futebol. Assim como no jornalismo impresso ou televisivo, o rádio esportivo possui várias características para as suas atividades: objetividade, construção da realidade, neutralidade, imparcialidade etc.

De todas as características citadas, a mais polêmica é a imparcialidade. No Rádio Esportivo, a maioria dos locutores e comentaristas escondem seu time do coração e fogem da característica. Para Paulo Vinicius Coelho, "não existe jornalista de esportes, especialmente os que trabalham com futebol, que não tenha um time de infância". (COELHO, 2003, p.55).

Muitos jornalistas esportivos possuem seu clube do coração e não possuem problema em expor em uma matéria jornalística ou no rádio. Um exemplo deles é Milton Neves, torcedor do Santos Futebol Clube. Segundo Paulo Vinicius Coelho, "Milton Neves sempre deixou claro ser torcedor do Santos e que sonhava com o dia em que trabalharia com futebol para mostrar o conhecimento que adquiriu nos tempos em que era apenas ouvinte atento". (COELHO, 2003, p.56).

Mesmo com o clube do coração divulgado para todos, alguns jornalistas esportivos possuem uma grande credibilidade por parte de outros torcedores. Um deles é Juca Kfourri.

Exemplo é Juca Kfourri, este sim, caracterizado corintiano. Ele jamais comprometeu a isenção por causa da paixão clubística. Ao contrário, até escreveu livros sobre os tempos de torcedor, em que lembrou cada detalhe de cada viagem realizada, especialmente no Torneio

Roberto Gomes Pedrosa de 1969, quando o Corinthians foi eliminado pelo Cruzeiro nas semifinais. (COELHO, 2003, P.58).

A primeira constatação de parcialidade no rádio desconfiada pelos torcedores foi em 1932, no jogo entre São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Edileuza Soares, Nicolau Tuma era carioca e narrou a partida. Os torcedores acharam que o “*speaker metralhadora*” torceu para seleção do Rio (SOARES, 1994:38).

O certo é que o futebol consegue uma enorme audiência por parte dos brasileiros. Não é a toa que o país é considerado o país do futebol. Para Sérgio Vilas Boas, “O esporte é talvez o mais democrático dos temas. Atrai pessoas de todas as idades, de todas as camadas sociais, de todos os cantos. Tornou-se um fenômeno lucrativo considerável, negócios de proporções mundiais, motivo para tendências e modismos. Não apenas o futebol, evidentemente”. (VILAS BOAS, 2005:9)

No Rádio Esportivo, muitos torcedores possuem a opção de escolher o seu narrador ou comentarista preferido na emissora em que pode escutar. O polêmico é que muitos ouvintes afirmam que rádio “A” é Ceará e rádio “B” é Fortaleza.

4.4 Rádio Esportivo Cearense, ou a Parcialidade Explícita

Assim como em outras regiões e estados brasileiros, os locutores e comentaristas não escondem seus clubes do coração, no Ceará não é diferente. Nas grandes emissoras da capital cearense os radialistas não ocultam o seu time de infância e usam os microfones para promoverem as partidas de futebol e defender o seu clube.

Em Fortaleza, a rivalidade entre os torcedores do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube é muito grande, tanto no campo quanto nas rádios. Um dos grandes radialistas que não esconde o seu time é Gomes Farias.

O “locutor espetáculo”, como é conhecido na Rádio Verdes Mares, começou sua carreira na Rádio Dragão do Mar através de um teste com 460

candidatos. Conseguiu seu primeiro contrato em 1958 e logo foi destaque nas transmissões esportivas. Após o falecimento de Paulino Rocha, Gomes Farias assumiu o comando da Rádio Verdes Mares e segue até hoje na chefia das transmissões esportivas.

Além de narrador esportivo, Gomes Farias acumula quatro mandatos como Deputados Estadual pelo Estado do Ceará. Sempre quando assume um mandato, o locutor agradece seus votos à torcida do Ceará, pois segundo ele, é a torcida que o coloca no parlamento.

Além de Gomes Farias, outro radialista de destaque no rádio é Júlio Sales, que não nega sua preferência pelo Fortaleza Esporte Clube.

O locutor tricolor possui uma grande “simpatia” por parte dos torcedores do Fortaleza. Com o grande prestígio, Júlio Sales possui uma coluna diária no site do seu clube do coração.

O rádio esportivo cearense possui um “leque” de jornalistas e radialistas que são parciais. Prova disso tudo é que existem programas de rádio que são destinados apenas para um clube, e defendem a sua paixão como torcedor.

Há muitos radialistas que não escondem o seu clube do coração. Fazem isso porque quer ou porque o amor pelo time é grande. O certo é que, quem é radialista ou jornalista que não tiver um clube do coração, “que atire a primeira pedra”. Será que é tão difícil separar emoção da razão?

5 A VIDA DO ALVINEGRO, OU O RÁDIO ESPORTIVO APAIXONADO

Como pudemos observar no capítulo anterior, a parcialidade está longe de ser um problema no rádio esportivo cearense. Prova cabal dessa afirmação é a existência de programas esportivos que tem a parcialidade e a paixão clubística como principal fundamentação para a sua existência.

No momento em que este trabalho é escrito pelo menos vários programas de rádio assumem abertamente a defesa de times como razão de sua existência. São eles: o Programa “A Vida do Alvinegro, destinado ao Ceará Sporting Club, e o Programa “a voz da fiel”, destinado ao Fortaleza Esporte Clube. Ambos são transmitidos pela Rádio Clube.

Nos limites deste trabalho, elegemos como objeto de estudo o programa “A vida do alvinegro”, que é destinado apenas para um clube de futebol.

5.1 Ceará Sporting Club

Um dos principais times do futebol cearense, o Ceará Sporting Club nasceu dia 2 de junho de 1914, através da idéia de Luís Esteves Júnior e Pedro Freire. Os dois jovens se reuniram no Café Art Nouveau, que se localizava na Praça do Ferreira, onde resolveram discutir a fundação de um clube de futebol¹⁰.

Não havia nenhum clube de futebol na cidade de Fortaleza e os dois jovens resolveram convidar um grupo de 24 pessoas para providenciar a Ata de fundação. Por unanimidade, todos os presentes resolveram chamar o time de Rio Branco Foot-ball Club e escolheram Gilberto Gurgel como presidente.

¹⁰ Página oficial do Ceará Sporting Club, disponível em http://www.vovo.com.br/_index.php?page=historia.php

Primeiramente, o grupo pioneiro conseguiu arrecada cerca de dois mil e duzentos réis para o material esportivo. O primeiro uniforme do Rio Branco era composto de camisas lilases e calções brancos.

No mesmo ano de sua fundação, 1914, o Rio Branco organizou um campeonato amador e foi campeão vencendo o Rio Negro por 1 x 0. O primeiro time foi formado por Aldo, Garcia e Speedy; Célio, Carlito e Gotardo; Abreu, Pinto, Meton, Olsen e Ninito.

Um ano depois do seu nascimento, o Rio Branco Foot-ball Clube passou a se chamar de Ceará Sporting Club, através de uma reunião de seus diretores. Com isso, o uniforme do time passou a ser preto e branco, onde até hoje não mudou. O presidente escolhido foi Nelson Gurgel Amaral.

Além da mudança de nome do Ceará ocorrida em 1915, nasce a Liga Metropolitana Cearense, onde organizou os campeonatos de futebol até 1920. Durante os cinco campeonatos disputados organizados pela Liga Metropolitana Cearense, de 1915 a 1919, o Ceará venceu todos e se tornou penta campeão. Até o ano de 2008, os 5 campeonatos é tido como o maior triunfo do time.

Já em 1920, a Associação Desportiva Cearense, atual Federação Cearense de Futebol, passou a organizar os campeonatos. Após o penta, o Ceará só seria campeão em 1922, goleando o seu principal rival, o Fortaleza Esporte Clube, por 4 x 1 e evitando o tri campeonato consecutivo.

A primeira grande façanha do Ceará desde o seu nascimento em 1914 foi o tetra campeonato estadual em 1978. Na final da competição, o alvinegro precisava ganhar o jogo para ser campeão. Felizmente para a sua torcida, o time ganhou de 1 X 0 seu maior rival, o Fortaleza, e conquistou o título. Tiquinho foi o autor do gol. No ano de 1985, o Ceará conseguiu a melhor colocação de um time cearense no Campeonato Brasileiro de Futebol. O time conseguiu o 7º lugar na classificação geral. Nenhum clube do estado conseguiu até o ano de 2008 uma melhor colocação.

O ano de 1994 mostrou a força do Ceará Sporting Club para o Brasil. O alvinegro cearense conseguiu chegar na final da Copa do Brasil e foi vice campeão. Com o feito, o Ceará ganhou vaga na Copa Conmebol, torneio sul-americano, onde nenhum outro time cearense disputou uma competição internacional.

Em 1999, o Ceará conquistou o seu segundo tetra-campeonato, ao empatar com o Juazeiro Esporte Clube, time que não existe mais, em zero a zero. Com isso, o alvinegro foi o time que mais conquistou campeonatos estaduais durante o século XX.

Durante os 94 anos de existência, o principal rival do Ceará Sporting Club sempre foi o time do Fortaleza. Juntos, os dois clubes somam 72 títulos estaduais dos 88 disputados até o ano de 2008. Clássico-rei é como é chamado o confronto entre os dois times.

Outro rival do Ceará é o Ferroviário Atlético Clube. Mais conhecido como “ferrão”, o time cearense conquistou nove campeonatos cearense. O nome denominado para uma partida entre os dois clubes é chamado de Clássico da Paz.

Até o ano de 2008, o Ceará possui 35 títulos estaduais organizados pela Federação Cearense de Futebol, sendo dois tetra campeonatos (1978 e 1999), uma Copa do Nordeste em 1969 e 5 títulos organizado pela Liga Metropolitana Cearense. O clube possui uma das maiores torcidas do Nordeste.

5.2 As Origens do Programa

O programa “A Vida do Alvinegro” nasceu da necessidade de fazer um programa esportivo dedicado apenas para um clube de futebol. O torcedor Airton Martins, apaixonado pelo Ceará Sporting Club, teve a idéia pioneira de colocá-lo no ar.

No dia 23 de setembro 2001, a torcida e o Ceará Sporting Club ganha mais força no rádio esportivo cearense. O programa “A Vida do Alvinegro” entra no ar pela primeira vez às vinte horas e trinta minutos no estúdio da Ceará Rádio Clube.

A idéia parte do torcedor Airton Martins, mais conhecido pela torcida do Ceará como “coerente”, que teve a idéia de fortalecer o seu time do coração e dá mais voz para a torcida alvinegra. O apresentador Moraes Filho, que na época tinha um programa esportivo na emissora, cedia trinta minutos para Airton que, juntamente de Nilo Saraiva, debatia os jogos e o dia-dia do Ceará Sporting Club.

Percebi que o Ceará Sporting Club tinha menos programa que o seu adversário (Fortaleza Esporte Clube) e que precisava de mais voz no rádio cearense. Então, através da minha amizade com Moraes Filho, consegui trinta minutos do seu programa. Com isso, convidei o Nilo Saraiva para me ajudar e auxiliar no programa.¹¹ (Airton Martins)

Segundo Airton Martins, com os trinta minutos diários concedidos por Moraes Filho, a audiência do programa aumentou por conta dos torcedores do Ceará. Com isso, 4 meses depois, o programa “A Vida do Alvinegro” passou a ter uma hora de duração e um bom índice de audiência.

A cada dia que se passava, a audiência do programa ganhava mais força. Nilo Saraiva foi substituído por Agrimar Willian de Almeida, mais conhecido como “Almeidinha”, e Airton Martins teve de contratar um repórter setorista que estivesse cobrindo o dia-dia do Ceará. Com isso, o “coerente” contratou Déo Luis para divulgar as notícias que acontecia durante o dia no campo do alvinegro.

Após permanecer no ar com uma hora de duração, o programa “a vida do alvinegro” passou para uma hora e meia de duração seis meses depois de estreiar na Ceará Rádio Clube. Com um tempo maior para guiar o programa, Airton Martins começou a pedir a participação do torcedor através do telefone.

A idéia teve uma grande repercussão por parte dos torcedores. Segundo Airton Martins, “as linhas telefônicas não param de tocar durante todo o programa”¹².

Já em 2008, a Ceará Rádio Clube passa a fazer parte da Rede Clube Brasil e muda os horários da sua programação. Com isso, o programa “a vida do

¹¹ Entrevista concedida no dia 28/10/08 ao autor Mário Jorge do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

¹² Entrevista concedida no dia 28/10/08 ao autor Mário Jorge do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

alvinegro” passou a ser transmitido de segunda à sexta, das 22 às 23 horas, reduzindo 30 minutos de seu tempo. Com o novo horário e novas programações, o programa ganhou um dia a mais na semana, sendo transmitido aos sábados, de 23 à meia noite.

Airton Martins e “Almeidinha” são dois torcedores apaixonados do Ceará e possui o objetivo de enaltecer o seu clube de coração. Segundos os dois, o dinheiro que eles ganham não compensa em fazer o programa. Mas o amor pelo Ceará faz com que “A Vida do Alvinegro” continue no ar defenda as cores alvinegras.

Os dois torcedores alvinegros se inspiraram em outros radialistas alvinegros. Um deles é Paulino Rocha. Segundo Airton Martins, Paulino tinha uma grande identidade com a torcida do Ceará Sporting Club e promovia os jogos dos clubes cearenses.

5.3 Torcedor - Radialista

O programa “A Vida do Alvinegro” possui um diferencial, ele é voltado para apenas um clube de futebol. Durante seus oito anos de “estrada”, os jogos do Ceará são analisados não só pelos jornalistas esportivos, mas por radialistas torcedores que expõe outra linha de raciocínio para o torcedor.

O diferente do programa a vida do alvinegro é a gente que faz. As pessoas acham que o programa é voltado para torcidas organizadas, mas nós somos preparados e passamos por curso de radialista. Mas com a filosofia de torcedor que quer ver a coisa funcionar. Levar e incentivar o torcedor, e passar a entender que o clube existe. Se ele entender e chegar mais junto, o Ceará tem tudo a crescer.¹³
(Almeidinha)

Entrevista concedida no dia 19/10/08 ao autor Mário Jorge do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

O critério usado para o programa é defender as cores alvinegras. Mas antes de entrar no ar, os dois torcedores tiveram que entrar em um curso de radialista para poder falar no microfone da Ceará Rádio Clube.

Durante uma hora de programa, Airton e “Almeidinha” dividem o programa em três partes e organizam o curto tempo do novo horário. Na primeira são os comentários da partida ou do jogo que aconteceu. Se o Ceará não for a campo, as contratações ou as repercussões são colocadas em pauta.

Na segunda parte, o repórter Déo Luis comenta o que aconteceu no dia e trás entrevistas gravadas com jogadores e diretores do Ceará Sporting Club, além de trazer informações sobre as novas contratações, a quantidade de cartões amarelos ou vermelhos e notícias sobre o Departamento Médico do Clube. Cerca de 15 minutos são destinados ao correspondente.

5.4 A Voz das Arquibancadas

Na última parte do programa, Airton Martins conversa com os torcedores através do telefone. Cerca de 15 minutos são destinados nas ligações para a torcida expor suas opiniões.

Com a nova programação da emissora, o novo programa perdeu meia hora de tempo e não estamos sabendo organizá-lo melhor. O tempo da participação do torcedor ficou menor, mas em compensação ganhamos um dia a mais na semana. (Almeidinha)

O tempo destinado para torcida alvinegra expor seu ponto de vista é democrático. Críticas e elogios são feitos aos dois radialistas. Segundo Airton, o respeito por parte da opinião do torcedor é muito grande.

Durante as ligações para o programa, muitos torcedores de outros times fazem seus comentários ou críticas ao Ceará Sporting Club. Segundo Airton Martins, “o programa possui uma grande audiência e até os torcedores de times rivais

gostam de seus comentários, pois muitos ligam durante as transmissões, seja para criticar ou atrapalhar”.

Modéstia parte, o programa tem uma audiência muito grande na torcida do Ceará. Nós recebemos elogios, somos muito cumprimentados nos jogos. Aqui ou acolá aparece um torcedor que critica, mas nós fazemos o programa com muita cautela. A gente é profissional de rádio, mas nós somos mesmo é torcedor.
(Almeidinha)

O programa “A Vida do Alvinegro” é destinado em especial para os torcedores do Ceará Sporting Club e são comandados por dois torcedores alvinegros. Mas as dificuldades de conseguir um patrocinador é grande, pois segundo “Almeidinha”, os donos de uma empresa possuem medo de perder uma parte de seu cliente. “A grande maioria de patrocinadores que a gente procura quer ver as duas torcidas, tanto do Ceará como do Fortaleza comprando em seus estabelecimentos. Segundo eles, o produto tem que atingir os dois públicos. Com isso, a dificuldade de conseguir um patrocinador é muito grande”.

O programa segue uma linha parcial para apenas um clube, o Ceará. Diferentemente dos outros, Airtón Martins e “Almeidinha” partem de outro princípio, a parcialidade apenas para um time.

Segundo os radialistas alvinegros, o programa é diferente, pois parte do princípio de apenas proteger e promover o Ceará. De acordo com “Almeidinha”, o sonho de ver o Ceará mais forte é muito grande. “Temos um sonho de ver o nosso clube grande e organizado, formando grandes times e eu acho que é por aí. O nosso trabalho procura exatamente isso, o engrandecimento do clube. E vamos ver o Ceará mais estruturado no futuro. Nós abriremos espaço na rádio quando for para o bem do alvinegro”.

5.5 Objetividade e Imparcialidade na “Vida do Alvinegro”

O programa segue a linha da parcialidade e o seu objetivo é defender o Ceará Sporting Club. Essa característica é diferente em relação aos critérios usados por outros profissionais do rádio esportivo no Estado.

Airton e “Almeidinha” possuem pouco relacionamento com a imprensa cearense. Segundo eles, o respeito pelos profissionais é grande, mas alguns tentam diminuir o Ceará.

Eu respeito a todos. Evidentemente dentro deste respeito, eu vejo que alguns tentam diminuir o nosso clube. Isso é para colocar sempre o nosso adversário em um patamar sempre maior que o nosso, principalmente quando é de uma forma injusta. Nunca fui de conversar pessoalmente com outros profissionais do rádio. (Airton Martins)

Em relação a outros meios de comunicação, os dois radialistas alvinegros escutam muito poucos, por discordar do ponto de vista de outros profissionais e dos programas de rádio. Segundo “Almeidinha”, a maioria deles tentam manchar a imagem do Ceará.

Airton Martins começou a torcer pelo Ceará aos oito anos de idade. A sua paixão começou devido à influência do seu vizinho que era torcedor alvinegro e levava o radialista para marcar os jogos da loteria esportiva. Com isso, nasceu a paixão pelo futebol e pelo clube do coração.

Comecei a torcer pelo Ceará Sporting Club com muito prazer e satisfação aos oito anos de idade. Minha família é alvinegra, sendo seis filhos alvinegros e dois torcedores do ferroviário. Tive a influência dos meus pais alvinegros, mas eu confesso que foi por causa de um vizinho meu em 1970, que marcava loteria esportiva. Com isso, passei a torcer um time em cada estado devido à loteria. A paixão maior foi sempre o Ceará. O meu coração diminuiu, hoje ele não cabe para outros clubes. No estado de São Paulo, Rio de Janeiro ou Rio Grande do Sul meu coração é Alvinegro.

No rádio, Airton Martins começou a trabalhar na Rádio Cidade e depois foi parar na Ceará Rádio Clube. “Eu comecei na Rádio Cidade. Nós escutamos de algumas pessoas experientes do rádio, que o rádio é a ‘cachacinha’ do radialista. E eu estou para dizer que sim. Eu fui pra passar um, dois, três sábados e só aqui na Ceará Rádio Clube eu estou há oito anos. Esse programa começou nessa maneira. O gosto pela coisa. Fiz outros programas pelo Ceará e passei a ver que ele necessitava de mais voz e mais espaço na imprensa cearense. O Ceará só tinha dois programas aos sábados. Fui batalhar o espaço de rádio em rádio, para que eu pudesse montar um programa diário. Com muita dedicação e sorte, eu consegui batalhando e ganhando espaço na Ceará Rádio Clube. E quando eu vi que eu estava batalhando e fazendo um programa quase inédito, ou seja, um programa diário, para apenas um clube, eu passei a convidar, colegas, dentre eles o Almeida”.

Agrimar Willian de Almeida, o “Almeidinha”, nasceu em Quixeramobim – CE e começou a torcer pelo Ceará no interior do estado.

Eu morava em Quixeramobim e na época existia o partido Fortaleza e o partido Ceará. Eu era do Ceará e depois comecei a simpatizar pelo clube. De 1972 até hoje freqüento os estádios de futebol. A maior alegria e a partida mais importante foi o tetra-campeonato de 1968. A minha paixão pelo alvinegro é tão grande que já viajei para Porto Alegre – RS para assistir a final da Copa do Brasil em 1994.

Hoje, os dois corações alvinegros passam mais confiança e dão vez e voz para a torcida do Ceará.

Entre os anos 60, 70 e 80, os clubes era tratados de maneira diferente e os radialistas tinham mais credibilidade com torcida, seja alvinegra ou tricolor. Segundo “Almeidinha”, a imprensa era mais motivadora e promovia melhor os campeonatos. “Não sei se é porque eu tenho aquela coisa mais apaixonada e no rádio a gente tem outra visão, mais dava gosto assistir as transmissões de antigamente. Naquela época havia belas transmissões e havia imparcialidade entre os radialistas”.

De acordo com Airton Martins, existia neutralidade, imparcialidade e os torcedores respeitavam mais a imprensa. “Quando os radialistas falavam mal do Ceará, eu não pensava que eles queriam prejudicar o Ceará, pois tudo que eles diziam eu acreditava. Era tudo diferente. O Ceará era tratado como todos os adversários. (...) Eu tinha uma verdadeira idolatria, por Celso Martinelli, pelo grande Paulino Rocha e por Amaro Silva. A palavra deles é era uma palavra de ordem. O que eles diziam, era como um segmento e eu fosse o seguidor. Eu tinha que acreditar no que eles coletavam”.

Segundo Airton e “Almeidinha”, o radialista Paulinho Rocha foi um dos grandes nomes do rádio esportivo cearense e tinha um grande carinho com a torcida do Ceará. “Na época, ele tinha identidade com o Ceará e era o radialista que fazia promoções para os jogos. Ele sabia sacudir o alvinegro e passava para o torcedor uma filosofia de motivação, onde toda a imprensa o respeitava”.

O programa “a vida do alvinegro” é parcial e o próprio idealizador da idéia, Airton Martins, admite. Será que este tipo de programa, que é destinado para apenas um clube vai pegar “moda” em outros estados do Brasil?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se com este presente trabalho que o conceito de objetividade está ligado à suposta relação existente entre as declarações jornalísticas e a realidade. Os jornalistas são considerados como um agente neutralmente distanciado para poder transmitir a informação com objetividade e ética profissional, mas isso não está acontecendo, principalmente quando se fala no jornalismo esportivo cearense.

Viu-se que a imparcialidade é uma atividade jornalística que está sendo esquecida por alguns jornalistas e radialistas esportivos, principalmente no rádio esportivo cearense, onde programas estão sendo usados para defender as cores de apenas um clube.

O programa analisado, “A Vida do Alvinegro”, não só foge da característica imparcial, como tem a parcialidade como principal fundamentação.

Mesmo fugindo das características do jornalismo, o programa consegue um enorme número de ouvintes e cresceu com o passar dos anos na Ceará Rádio Clube.

Da análise do programa “A Vida do Alvinegro”, que é destinado apenas para o Ceará Sporting Club, conclui-se que nem todos os radialistas que existem empregam uma das principais características do rádio esportivo, a imparcialidade. Vários jornalistas conhecidos do país não há utilizam e nem por isso, deixam de trabalhar ou perdem audiência.

A grande variedade de emissoras que existem no estado do Ceará fazem com que o torcedor não se importe da grande quantidade de radialistas imparciais que existem. Quem for alvinegro escuta a rádio “A” e quem for tricolor escuta a emissora “B”.

Mesmo os radialistas sendo parciais e, o torcedor conhecendo o seu time do coração, há programas destinados apenas ao clube preferido. Com isso, se o público quiser escutar apenas notícias destinadas ao seu time, ele tem a opção de sintonizar a rádio com o programa parcial.

O programa “a vida do alvinegro” utiliza as ondas do rádio para defender e promover o time do Ceará e mostrar que os torcedores gostam de deste determinado programa. Várias ligações e pesquisas foram feitas até a determinada entrega do trabalho. Apenas o estado do Ceará possui estes tipos de programa.

Será que poderá termos programas de rádio com a programação apenas para o Flamengo? O estado do Ceará é o pioneiro nestes tipos de programa que poderão ser imitados em outras partes do Brasil.

Conclui-se também que o futebol ajudou o rádio a crescer e se tornar tão popular. As diversas dificuldades que os primeiros narradores tiveram durante as primeiras transmissões esportivas fizeram valer a pena. O rádio é hoje o único meio de comunicação que o torcedor pode levar ao estádio e vibrar com o grito de gol. Mas isso será por muito tempo?

Os celulares chegaram com força total. Vários deles já possuem rádios para facilitar a vida do ouvinte. Mas ainda não vieram com o prefixo AM, onde os jogos são transmitidos.

O rádio continua na frente dos outros veículos de comunicação quando se trata de emoção. O imaginário do torcedor é relatado pelo narrador que, relata o lance do seu clube do coração. Por mais que tentem se inovar com outros veículos de comunicação, o rádio esportivo continua com seu público firme e forte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1996.

BAHIA, Juarez - **Jornal, história e técnica**, S. Paulo, Ática. 1990.

BEZERRA JÚNIOR, Wilton. **Rádio: do amadorismo ao profissionalismo**. UFC. 1995

BUARQUE. Aurélio de Holanda Ferreira. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, 2004**. Curitiba. POSITIVO.

CAETANO, Mariana. **Jornalismo e Humanidade: Técnica e ética**. 1997, in <http://www.hottopos.com/mirand3/jornalis.htm>

CAMPOS, Eduardo. **50 anos de Ceará Rádio Clube: 1934-1984**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará (IOCE)[s.d.].

CARVALHO, Gilmar de. **A televisão no Ceará: Indústria Cultural, Consumo e Lazer** . Fortaleza: OMNI Editora Associados, 2004.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**, São Paulo: Contexto, 2003.
VILAS-BOAS, Sergio (org.)

CAMPOS, Eduardo. **50 anos de Ceará Rádio Clube: 1934-1984**. in <http://www.prenove.com.br/index2.html>

DUMMAR FILHO, João. **João Dummar: Um pioneiro do rádio**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

DA SILVA Vasconcelos. Francisco Wesdley. **Delírio do verbo: o jornalismo gonzo e a realidade alucinada**. UFC. 2003.

FERREIRA, Talita Chrisine. **“Mais informação em menos tempo”**: um estudo de caso da Revista da Semana. UFC, 2008

FILHO, Sergio Xavier. **Os 10 golpes de Luxemburgo**. ABRIL, 2008.

FILHO, Silvio Augusto Couto de Castelo Branco. **Analises dos estilos de locução dos locutores: Gomes Farias E Carlos Fred**. Monografia. Universidade de Fortaleza. Fortaleza, 2006.

GIRÃO, Blanchard. **Só as Armas Calaram a Dragão**. Fortaleza.Fortaleza, ABC 2005.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**, São Paulo, Hacker Editores/Edusp, 2000.

HENN, Ronaldo Cesar. **A pauta e a notícia: uma abordagem semiótica**, Canoas, ULBRA, 1996.

KUNCZICK, Michael. **Conceitos de jornalismo; norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro – 2005 – Campus.

LUSTOSA, Elcias - **O texto da notícia**, Brasília, EdUNB.1996

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial, 2ª ed., São Paulo, Summus, 1988.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade, Rio de Janeiro, Revan. 2002.

MOURÃO, Ludmila. **As narrativas do futebol feminino: o discurso da mídia imprensa em campo.** 2005, in <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/148/157>

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo, Contexto, 2008.

PINHO. J.B. **Jornalismo na internet** – São Paulo – Summus – 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto e Barbosa, Gustavo Guimarães. **Dicionários de comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SÁ, Adísia. **Viagem ao redor do rádio, Guia do Rádio e televisão 2008.** Acert. 2008.

SAMPAIO, Alfredo. **As possibilidades do Rádio esportivo Planejado.** Fortaleza, 1995.

SILVA, Marconi Oliveira da. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein,** Porto Alegre, Edipurcrs, 1997.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o radio esportivo em São Paulo.** São Paulo, Summus. 1994.

VIGIL, José Inácio. **Manual urgente para radialistas apaixonados.** São Paulo, Paulinas, 1994.

VILAS BOAS, Sérgio. **Formação e Informação Esportiva** – São Paulo – Summus. 2005

WARD, Mike. **Journalism online.** Woburn, MA: Focal Press, 2002.

Página oficial do Ceará Sporting Club, disponível em <http://www.vovo.com.br/index.php?page=historia.php>